SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2026.247000

Teorias mais-que-representacionais em Geografia: Problematizando a dialética entre representação e apresentação

Angelo Serpa

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

Submetido em: 2026-09-02
Postado em: 2026-09-02 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

Teorias mais-que-representacionais em Geografia: Problematizando a dialética entre representação e apresentação[1]

Angelo Serpa
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-4071-6276
angeloserpa@hotmail.com

Recebido em: 10-06-2026
Aceito em: 01-08-2026

Editor do artigo: Rodrigo Ramos Hospodar Felippe Valverde

URL: https://revistas.usp.br/geousp/pt_BR/article/view/247000

Resumo

Nesse artigo busca-se recuperar as contribuições de Nigel Thrift para uma "Geografia do que acontece", enfatizando-se sua problematização sobre as teorias mais-que-representacionais. Procura-se focar também as afinidades entre as abordagens fenomenológicas e as mais-que-representacionais, para aprofundar a dialética entre apresentação e representação em direção a uma reflexão de como uma "Geografia do que acontece" deve se basear no corpo e na corporeidade para dar conta do mundo como acontecimento e movimento, a partir de exemplos que vêm do campo das artes da cena. Intenta-se refletir sobre as consequências em termos metodológicos que se pode desdobrar/vislumbrar para a pesquisa em Geografia humana, e, mais particularmente, no campo da Geografia cultural, da dialética entre apresentação e representação e como as teorias mais-que-representacionais podem acrescentar novos elementos às abordagens fenomenológicas/ontológicas da Geografia humanista. Por fim, especula-se sobre o que o diálogo entre Geografia e Arte indica como caminho para uma abordagem cultural que leve em conta o corpo e a corporeidade em nossos processos de pesquisa.

[1] Esse texto está baseado na participação do autor na mesa-redonda "Representação/não representação: uma construção teórica?", realizada durante o IX Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, entre os dias 4 e 8 de novembro de 2024, no campus da Universidade Federal do Paraná.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

Palavras-chave: teorias mais-que-representacionais; Geografia do que acontece; Geografia humanista; fenomenologia; corpo; Artes da Cena.

More-Than-Representational Theories in Geography: Problematizing the Dialectic Between Representation and Presentation

Abstract

This article seeks to recover Nigel Thrift's contributions to a "Geography of what happens", emphasizing his problematization of more-than-representational theories. It also aims to focus on the affinities between phenomenological and more-than-representational approaches, in order to deepen the dialectic between presentation and representation towards a reflection on how a "Geography of what happens" should be based on the body and corporeality to account for the world as event and movement, based on examples from the field of performing arts. It attempts to reflect on the methodological consequences that can unfold/envision for research in human geography, and more particularly in the field of cultural geography, of the dialectic between presentation and representation and how more-than-representational theories can add new elements to the phenomenological/ontological approaches of humanist geography. Finally, I speculate about what the dialogue between Geography and Art indicates as a path towards a cultural approach that takes into account the body and corporeality in our research processes.

Key-words: more-than-representational theories; Geography of what happens; Humanist geography; phenomenology; body; performing arts.

Théories plus que représentationnelles en géographie : problèmatiser la dialectique entre représentation et présentation

Résumé

Cet article vise à réhabiliter les contributions de Nigel Thrift à une « géographie de ce qui arrive », en soulignant sa problématisation des théories plus-que-représentationnelles. Il s'attache également à explorer les affinités entre les approches phénoménologiques et plus-que-représentationnelles, afin d'approfondir la dialectique entre présentation et représentation et d'orienter la réflexion sur la manière dont une « géographie de ce qui arrive » devrait s'appuyer sur le corps et la corporéité pour appréhender le monde comme événement et mouvement, à partir d'exemples tirés du domaine des arts du spectacle. L'article propose une réflexion sur les

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

conséquences méthodologiques que peut engendrer, pour la recherche en géographie humaine, et plus particulièrement en géographie culturelle, la dialectique entre présentation et représentation, et sur la manière dont les théories plus-que-représentationnelles peuvent enrichir les approches phénoménologiques et ontologiques de la géographie humaniste. Enfin, il s'interroge sur ce que le dialogue entre géographie et art indique comme voie vers une approche culturelle qui intègre le corps et la corporéité dans nos processus de recherche.

Mots-clés: théories plus que représentationnelles; « géographie de ce qui arrive »; géographie humaniste; phénoménologie; corps; arts du spectacle.

Introdução: uma "Geografia do que acontece"

Em um texto de 2004[2], Nigel Thrift vai afirmar que a Geografia cultural perdeu seu caminho. E que, para reencontrá-lo, os geógrafos culturais deveriam reconhecer a riqueza do mundo, assumindo uma forma de pensar expressiva e corporificada de modo a produzir uma ética diferente de engajamento em suas pesquisas (2004a, p. 121). Em suma, se dirigir ao mundo a partir de uma perspectiva de estranhamento, como propunha Hördelin, reconhecendo sua aparência sensual com uma postura de admiração diante dele (2004a, p. 122).

Mencionar o geógrafo Nilgel Thrift logo no primeiro momento desse artigo não é casual nem fortuito, pois ele é considerado um expoente no campo das teorias não-representacionais e entusiasta de uma "Geografia do que acontece". Ressalte-se que esse tema vem sendo tratado já há algum tempo no Brasil. Em 2013, por exemplo, no V Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (V NEER), realizado em Cuiabá, essa temática foi abordada em mesa-redonda por Jörn Seemann e publicada em forma de capítulo no livro "Representações Culturais do Espaço", lançado em 2015, sob o título "O fim das representações na Geografia Cultural" (Seemann, 2015).

Nesse capítulo, Seemann vai sintetizar sete princípios que caracterizariam a abordagem não-representacional proposta por Thrift: (1) um empirismo radical da vida cotidiana; (2) Não focar nos indivíduos priorizando-se os encontros involuntários nas ações; (3) ênfase nas práticas

[2] As citações e referências aos textos de Nigel Thrift foram traduzidas para o português pelo autor do presente artigo.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

vistas como rotinas corpóreas que proporcionam uma inteligibilidade básica do mundo; (4) as coisas são tão importantes quanto os seres humanos e se entrelaçam com os sentidos, as experiências do corpo e as expressões verbais; (5) apropriação da energia das artes performativas; (6) foco no afeto, nos sentidos e emoções não atrelados a pessoas específicas; (7) compreensão "instintiva" do espaço para capturar a concretude e a materialidade de cada situação (Seemann, 2015, p. 40).

Nesse mesmo texto, Seemann vai ressaltar também que Thrift e seus colaboradores não propunham nem pregavam o fim das representações, mas queriam "ir além delas para poder lidar melhor com os nossos mundos obviamente mais do que humanos, mais do que textuais e multissensoriais" (Lorimer apud Seemann, 2004, p. 41). As representações seriam concebidas sob essa ótica como apresentações, já que, como coisas e/ou acontecimentos, elas lançam as bases para a constituição de mundos. Nesse sentido a atenção dos geógrafos deveria estar voltada para práticas, movimentos, performances, ações e corpos e seus interesses direcionados para novos modos de escrever e novas maneiras de fazer Geografia, com foco na criação de significados através de ações e interações (Seemann, 2015).

Gostaria nesse artigo de focar mais nas afinidades entre as abordagens fenomenológicas e as mais-que-representacionais do que em suas divergências, para aprofundar a dialética entre apresentação e representação em direção a uma reflexão de como uma "Geografia do que acontece" deve se basear no corpo e na corporeidade para dar conta do mundo como acontecimento e movimento. Uma "Geografia do que acontece" é, portanto, a chance para expressar práticas pré-cognitivas e mais-que-representacionais e pode (e deve) também ser vista como uma Geografia fenomenológica crítica, baseada em uma "fenomenologia concreta", a partir do corpo imerso no cotidiano, "uma posição privilegiada para entender as diferenciações da experiência geográfica" (Paiva, 2021, p. 249). É uma fenomenologia que emerge do corpo-poesia e não de uma teoria abstrata, de um corpo "praticado" que exprime suas sensações como "expressões artísticas" (Paiva, 2021, p. 248).

A ideia de corpo-poesia aparece em Lefebvre e é de inspiração nietzschiana (AUTOR, 2019). Lefebvre enfatiza que o recurso de Nietzsche ao corpo exclui o corpo-máquina do mundo da produção, é o corpo-poesia, o da música e da dança; e, com isso, quer transformar "pela base a relação do corpo com a linguagem como abstração" (Lefebvre, 1976, p. 236). Lefebvre acredita que Nietzsche buscou promulgar o fim dos valores ocidentais em decadência e a emergência

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

"de relações novas entre o corpo e a consciência, portanto, entre o corpo e a linguagem, o concebido e o vivido, o grave e o frívolo, o saber e o não saber – a vida e a morte" (Lefebvre, 1976, p. 248). Ressalte-se que, aqui, Lefebvre se aproxima dos princípios da fenomenologia – lembrando, nos moldes de uma fenomenologia "concreta", e ainda que de modo indireto, o papel do corpo em Merleau-Ponty.

Teorias não-representacionais e as inspirações que vêm da arte

Como anunciado na introdução, achamos importante, ainda que de modo muito breve, ressaltar as afinidades entre os fundamentos da Fenomenologia e das Teorias não-representacionais ou mais-que-representacionais, sobretudo a ênfase em um conhecimento situado e corporificado bem como nas bases pré-cognitivas que embasam nossas práticas e ações. Há, por exemplo, algo em comum com algumas propostas de Merleau-Ponty e sua ênfase em uma espacialidade primordial que se confunde com o "próprio ser do corpo". Para Merleau-Ponty, o espaço corporal e o espaço exterior constituem um sistema prático e "é evidentemente na ação que a espacialidade do corpo se realiza".

É, sobretudo, a consideração do corpo em movimento (algo em comum com as premissas não-representacionais) o que permite a compreensão de como esse corpo habita um espaço (e também um tempo), "porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retoma-os em sua significação original, que se esvai na banalidade das situações adquiridas" (Merleau-Ponty, 2006, p. 149).

O corpo em movimento, em suas estratégias de apropriação do espaço, constitui uma experiência, revelada "sob o espaço objetivo, no qual finalmente o corpo toma lugar". Segundo Merleau-Ponty, o ser corpo "é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço" (Merleau-Ponty, 2006, p. 205). Isto sublinha também o corpo como "aberto e poroso ao mundo", embora não seja esse em geral o modo de ver o corpo na tradição ocidental dominante, como nos lembra Harvey (2004, p. 138).

Para Valverde, no tocante às teorias não-representacionais, "o corpo seria simultaneamente matéria do indivíduo e conteúdo social compartilhado" (Valverde, 2024, p. 291). É conteúdo social compartilhado, porque "os afetos dependeriam de um jogo intersubjetivo que condicionaria a reconstrução cotidiana dos espaços, em um processo que é vivenciado por todos

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

nós" (Valverde, 2024, p. 297). E aqui mais uma vez um ponto comum com as abordagens fenomenológicas: a noção de intersubjetividade, que se desdobra na ideia de interação, porque no terreno do não-representacional toda ação é também interação.

Em outro texto, também publicado em 2004, no qual defende uma política espacial do afeto para as cidades, Thrift se questiona por que o afeto vem sendo negligenciado como categoria de análise na Geografia urbana, mesmo no caso de questões identitárias e de pertencimento, que, na visão do autor, "vibram energia afetiva" (Thrift, 2004b, p. 57). Thrift quer pensar especificamente nesse artigo sobre o afeto nas cidades e sobre as cidades afetivas, bem como nas consequências políticas de uma reflexão mais explicita sobre essas temáticas (Thrift, 2004b, p. 58).

O autor vai também refletir sobre o que é afeto, definindo-o como o resultado ativo de um encontro, que pode aumentar ou diminuir a capacidade do corpo e da mente de agir (Thrift, 2004b, p. 62), ressaltando que o afeto se apresentará de maneira diferenciada ao corpo e à mente, dispondo o corpo à ação e a mente ao questionamento de ideias, que podem ou não se adequar à experiência particular do afeto através do encontro (Thrift, 2004b, p. 62). Fortemente inspirado em Spinoza e Deleuze, Thrift vai afirmar o afeto como a capacidade de interação, como uma força natural, que depende de estímulos do mundo para mobilizar de modo mais ou menos efetivo a capacidade expressiva do corpo humano.

Para demonstrar a força política do afeto nas cidades, Thrift vai se remeter ao campo da videoarte, em especial se debruçando sobre as criações de Bill Viola. Thrift recorre à videoarte para mostrar como a energia do movimento e da emoção se manifesta nas cidades contemporâneas, onde as telas e as manchas de luz em movimento (povoadas principalmente por rostos) se tornaram meios de expressão onipresentes e banais, ocupando os espaços urbanos e produzindo um mundo pós-social no qual os rostos são maiores do que a vida. Thrift justifica a escolha de Bill Viola porque, em sua opinião, suas obras encontram aderência junto ao público, emocionando os expectadores e às vezes afetando-os poderosamente, através de um misto de naturalismo não natural e realismo mágico (Thrift, 2004b, p. 72).

Para Thrift, nos vídeos de Viola a intenção é claramente a de permitir a expressão facial ou outros movimentos corporais (e, mais frequentemente, das mãos), fazendo interagir de modos determinados padrões de luz e diferentes formações espaciais, proporcionando "superfícies

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

turbulentas" nas quais matéria e emoção coincidem em diferentes intensidades. Ao mesmo tempo, as representações apontam conscientemente para suas próprias operações de constituição, revelando elementos paratextuais como partes integrais da performance.

Rostos e mãos constituem a matéria-prima das obras de Viola, que vai se apropriar do corpo humano para indexar práticas afetivas, o que permite compreender a cidade contemporânea como um "mar de rostos", uma "floresta de mãos", rostos e mãos que constroem cidades, assim como o tijolo e a pedra, abrindo a possibilidade de uma "história afetiva" do espaço urbano contemporâneo. Em suma e de acordo com Thrift, Viola consegue mostrar como cada elemento corporal participa na demonstração de emoções, apresentando uma espécie de geografia histórica afetiva de elementos corporais expressivos, que, como mapas, testemunham a forma como nossos corpos são socializados no espaço e no tempo através da mimesis (Thrift, 2004b, p. 73-74).

É também através da arte, na interface entre Teatro, fenomenologia e Geografia que Marcelo Sousa Brito reflete científica e artisticamente a relação entre apresentação e representação, assim como as emoções e os afetos armazenados como repertório nos corpos-lugares em movimento pela cidade. "O *corpo-lugar* surge quando o ser começa a se relacionar com o mundo e a se deslocar, ao se colocar em relação com os lugares que a vida lhe faça percorrer, ocupar e transitar" (AUTOR, 2024, p. 273).

Em artigo que escrevemos a quatro mãos, publicado em 2024 no periódico "Estudos Geográficos", constatamos como premissa de partida que a dialética entre apresentação e representação não é especificidade apenas das Artes da Cena, mas também do campo da Geografia. Nessa publicação em específico, buscamos avançar a reflexão sobre o que acontece no corpo, seja no ato de criar (apresentação), seja no ato de expor (representação), através do uso de linguagens cujas experiências passam diretamente pelo corporal (AUTOR, p. 274-275). Também apresentamos uma agenda de pesquisa para a Geografia para explicitar o papel do corpo e da corporeidade como possibilidades teórico-metodológicas mais-que-representacionais e ontológicas na produção do conhecimento geográfico.

As pesquisas e experimentações artísticas de Brito são também um convite para pensar em uma "Geografia do que acontece", nesse caso com fundamentação fenomenológica para explorar as Artes da Cena e sua relação com a cidade. Vislumbra-se aqui a possibilidade de uma prática

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

geográfica que incorpore o corpo e a corporeidade como intrínsecos à pesquisa e às reflexões em Geografia e que deve necessariamente estabelecer um diálogo com a Arte, compreendendo o corpo como um elo entre os dois campos (artístico e geográfico). E, nesse contexto, não se deve perder de vista que os estudos comportamentais em Geografia clamam pela compreensão do corpo como o pivô de uma ciência encarnada e situada e que a Arte pode ser efetivamente a lente para compreender e acessar espaço e mundo de modo outro e corporificado (AUTOR, 2024, p. 278).

Em seu pós-doutorado, Brito (2023) buscou refletir sobre o papel do corpo do artista em seus processos criativos, mas também para pensar como a Geografia pode se inspirar nas artes cênicas para incorporar o corpo do/a geógrafo/a em seus processos de pesquisa e produção do conhecimento. O fio condutor dessas experiências é o conceito/a categoria de "corpo-lugar", que norteou suas experimentações no doutorado, e, posteriormente, novos passos em direção a uma dialética entre cartografia e narrativa para fundamentar um aprofundamento da relação entre Geografia e Arte em suas pesquisas.

O conceito/a categoria corpo-lugar permite, nos trabalhos de Brito, sintetizar e ancorar no corpo de quem cria e pesquisa os processos de produção de conhecimento, tanto nas Artes da Cena como na Geografia, porque é no corpo que os estados de emoção do/a artista-pesquisador/a (ou do/a pesquisador/a-artista) se manifestam ao longo de suas trajetórias acadêmicas e de vida. Porque o corpo é visto aqui como o principal fundamento para nossa presença no mundo, o invólucro de "seres-no-mundo" encarnados que somos. As pesquisas de Brito se inspiram e dialogam com a fenomenologia enquanto filosofia e método, assim como com uma abordagem ontológica de uma Geografia cotidiana e pré-científica traduzida no conceito/na categoria geograficidade (Dardel, 2011), que norteia os estudos e pesquisas em Geografia humanista/existencialista no Brasil e no exterior.

Esses princípios também inspiram a produção artística de Brito, como a mais recente, "DiverCIDADE", uma intervenção performática apresentada no Largo do Arouche, na capital paulista, durante a programação da 10ª Jornada do Patrimônio, em agosto de 2024. "DiverCIDADE" é, segundo Brito, uma obra imersiva construída a partir de elementos visuais, relacionando arte e memória, para abordar a importância de patrimônios materiais e imateriais da cidade de São Paulo, tendo como base corpos dissidentes que vivem essa cidade através de suas experiências de vida e de suas produções artísticas. Buscou-se, com a intervenção, colocar

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

o pensamento crítico e criativo de seis artistas em movimento para que se encontrassem com a cidade e desse encontro dividissem com o público uma obra artística coletiva.

Consequências metodológicas para a Geografia

Que consequências em termos metodológicos podemos desdobrar/vislumbrar para a pesquisa em Geografia humana, e, mais particularmente, no campo da Geografia cultural, da dialética entre apresentação e representação? Como as teorias não-representacionais ou mais-que-representacionais podem acrescentar novos elementos às abordagens fenomenológicas/ontológicas da Geografia humanista? O que o diálogo entre Geografia e Arte pode indicar como caminho para uma abordagem cultural que leve em conta o corpo e a corporeidade em nossos processos de pesquisa?

De acordo com Paiva (2018), as metodologias não-representacionais se fundamentam na noção de "pensamento em ação", e, como na fenomenologia, o conhecimento não se separa da realidade da qual emerge, não separando corpo e mente e nem representação de realidade. Sob essa ótica, "a produção de conhecimento passa a preocupar-se não apenas com as representações mentais da realidade (...), mas também com o modo como essas representações são produzidas corporeamente no decorrer das acções e interacções de que o mundo é constituído" (Paiva, 2018, p. 160).

Assim, "a Teoria Não-Representacional estudaria as práticas culturais por intermédio de uma performance, e não de uma representação", e, por isso, as narrativas, as etapas do processo de pesquisa, a coleta de dados e os resultados alcançados "seriam todos alterados pelo elemento performático" (Valverde, 2024, p. 289). Também a ideia de uma corporeidade praticada teria consequências em termos metodológicos, por exemplo, enfatizando o caráter inconclusivo e efêmero dos registros geográficos parciais obtidos (Valverde, 2024).

Estamos longe aqui de qualquer tentativa em termos metodológicos de essencialização dos fenômenos culturais. Pesquisadores devem ser diretos quanto às suas intenções, paixões e idiossincrasias, como sublinha Valverde. Como na Geografia humanista, textos devem ser escritos na primeira pessoa, "assumindo o filtro autoral como parte do resultado" (Valverde, 2024, p. 293). Os sujeitos da investigação jamais devem ser vistos como objetos, já que são agentes destacados "e é a sua vida que pode sofrer os efeitos daquela produção intelectual"

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

(Valverde, 2024, p. 293). A construção da metodologia de pesquisa buscaria problematizar essa produção intelectual como um "registro inconclusivo, corporal, individualizado e subjetivo", que "poderia ser pensado socialmente" (Valverde, 2024, p. 294).

Finalmente, "as práticas e suas performances seriam submetidas ao escrutínio de outros", de modo que, nesse "processo, o sentido inicial será deturpado, apropriado e corrompido por diferentes agentes, alguns com finalidades econômicas, outros politicamente motivados e ainda uma infinidade de usos culturais que poderiam ser elencados". Valverde ressalta ainda que o "mais importante nesta etapa de socialização é que a reação seja alcançada", de modo que a socialização dos resultados depende "do efeito que causa, da reação que gera, do impacto que a prática e a performance imprimem pelo mundo" (Valverde, 2024, p. 294).

Metodologias assim permitem "ao investigador explorar a experiência geográfica através do seu próprio corpo", de modo que "seja um elemento afetado pela experiência e a prática geográficas", como nos lembra Paiva (2018, p. 161): "o investigador deve permitir que a experiência do mundo (re)defina os seus conceitos, refletindo *in situ* sobre o que acontece", para que "o conhecimento académico se aproxime do conhecimento prático do mundo para o explicar, sem o reduzir a representações estáticas" (Paiva, 2018, p. 161).

A dialética entre apresentação e representação pode ganhar novos contornos se forem mais exploradas as relações entre Geografia e Arte, já que o *corpo-lugar*, nos moldes como apresentamos aqui muito brevemente, compõe "um repertório necessário nas atividades dos dois campos do conhecimento, pois é da experiência de ser do/no mundo que o mundo e seus fenômenos se revelam a nós, nos colocando na posição de criadores e críticos do que a vida produz diante de nossos olhos" (AUTOR, 2024, p. 273).

Questiona-se: "onde está o corpo do/da geógrafo/geógrafa ao realizar e representar suas pesquisas? O que sente? Quais estados de emoção passam por seu corpo ao viver experiências de pesquisa? Como incluir na representação esses estados de emoção?" (AUTOR, 2024, p. 275). Essas questões necessitam uma reflexão aprofundada para aqueles que desejam praticar uma "Geografia do que acontece", nos moldes como tentamos discutir aqui, enriquecendo com novas perspectivas e possibilidades a abordagem cultural no campo geográfico.

(...)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

Ao final dessa seção, faço a ressalva que algumas opções foram tomadas por mim para escrever esse texto. Não abordei, por exemplo, as geografias mais-que-humanas. Como nos lembra Silva (2023, p. 9), "pessoas, objetos e animais estão envoltos em dinâmicas redes heterogêneas que a literatura chama de *assemblages"*, e, por essa razão, o arcabouço das teorias não representacionais também aponta para uma geografia mais-que-humana. Segundo Silva (2023, p. 9), "existem abordagens que se caracterizam particularmente como geografias animais", porque "o nosso cotidiano é marcado pela trama de relações entre os homens e outras espécies que coabitam o mundo".

Eu poderia escrever aqui verdadeiros tratados sobre a Geografia de Lulu e Nina, os dois gatos persas dos quais sou tutor, mas creio que seja mais interessante para o leitor consultar a tese de doutorado de Souza Júnior que aprofundou de modo muito pertinente essa temática (ver: Souza Júnior, 2022).

Também não abordei o tema da compreensão do espaço a partir do "desafio da multiplicidade", como o faz Valverde, que nos lembra que, para Thrift, "a multiplicidade não se aplica apenas aos objetos, agentes e coisas, mas também aos próprios espaços". Nesse contexto, nossa tarefa, no plano cultural, "exigiria que o espaço não fosse entendido apenas como um substrato material, mas como uma série de concepções que estão em concorrência, que se encontram de modo conflituoso e que definem arranjos que podem ser produzidos e destruídos cotidianamente" (Valverde, 2024, p. 295-296).

Conclusão: desbravando potencialidades

Esse artigo teve o intuito de desbravar as potencialidades resultantes da construção de possíveis relações e conexões entre uma "Geografia do que acontece" e uma "Geografia dos espaços vividos", entre as teorias mais-que-representacionais e as filosofias de base fenomenológica, entre apresentação e representação. Nesse contexto, para ilustrar a dialética entre apresentação e representação, cito um pequeno trecho do maravilhoso romance de Anne Sibran, "O primeiro sonho do mundo", no qual ela descreve um encontro imaginário entre os pintores Cézanne e Pissarro:

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

> Saíam com os tubos de tinta e as paletas, percorrendo os bosques e o campo com a secreta ambição de despertar o olhar, de captar sensações. Por uma espécie de instinto, eles haviam entendido (...) que o que as pessoas chamavam de 'natureza' (...) não era mais realmente pintado. O mundo não tinha mais testemunhas. A 'arte da paisagem' se praticava ao abrigo, sob o teto dos homens, nas academias de pintura, à luz dos lustres suspensos. Ali, os bosques e as clareiras eram reconstituídos, segundo as técnicas dos antigos. (...) Mas a vida estava lá fora. Por toda a parte espalhada no simples. Ao alcance da mão. Nada poderia impedi-los de sair, fizesse o tempo que fizesse (...) Um desafio que eles aceitavam, (...) cada um estimulado pela audácia do outro, espiando-se entre duas pinceladas (Sibran, 2024, p. 41-43).

A imagem de uma "vida lá fora", "por toda a parte espalhada no simples" e "ao alcance da mão" sintetiza bem o que o encontro entre as teorias mais-que-representacionais e a fenomenologia pode oferecer, ao menos potencialmente, para a pesquisa em Geografia humana. Retomo, para sublinhar essas potencialidades, dois dos princípios das teorias mais-que-representacionais enunciados por Seemann (2015), citados na introdução do artigo: o fato de as coisas serem tão importantes quanto os seres humanos e se entrelaçarem com os sentidos, as experiências do corpo e as expressões verbais abre caminhos novos para pensar, por exemplo, o manual intramundano que vem ao encontro da presença e que possui o caráter da proximidade, como propõe Heidegger em *Ser e Tempo*: atualiza também a relação que se estabelece entre o ôntico e o ontológico, entre a técnica e a vida, "para apreender o ente em seu ser" (Heidegger, 2012, p. 79), em sua "cotidianidade mediana", já que "da cotidianidade não se devem extrair estruturas ocasionais e acidentais, mas estruturas essenciais" (Heidegger, 2012, p. 54)

A proposição do foco no afeto, nos sentidos e emoções não atrelados a pessoas específicas faz pensar também na universalidade da condição humana que se revela nos espaços vividos no cotidiano, lançando as bases de uma "fenomenologia concreta", a partir do corpo humano imerso em uma cotidianidade que exige movimento e atenção à performatividade que se expressa na vida (e, claro, também em nossas pesquisas!). Ressalte-se aqui que "afeto" tem a ver com a capacidade de interação, como proposto por Thrift (2004b), algo também já mencionado nesse artigo. Trata-se aqui de refletir sobre o afeto como uma força natural, que vai mobilizar – inclusive politicamente – a expressividade do corpo humano, a partir de estímulos que vêm do mundo para nos afetar em lugares e situações específicos.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

Nesse sentido, o corpo vai ser compreendido ao mesmo tempo como algo individual e socialmente compartilhado, o que também acrescenta elementos novos para se refletir, de modo mais aprofundado e pertinente, a corporeidade de pesquisadores/as e sujeitos pesquisados (e suas interações) com a elaboração de metodologias novas e processuais, que, como nos lembra Paiva (2018), também já referenciado nesse artigo, podem proporcionar aos/às pesquisadores/as investigar a experiência geográfica munidos/as e conscientes de seus próprios corpos, sua corporeidade sendo efetivamente afetada pela prática e pela experiência geográficas de modo processual.

Referências

BRITO, Marcelo Sousa. **Narrativas cartográficas**. Teatro e experiências urbanas. Salvador: EDUFBA, 2023.

AUTOR, 2024.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**. Natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 6. ed. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Carneiro. Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista-SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

LEFEBVRE, H. **Hegel, Marx e Nietzsche ou o Reino das Sombras**. Tradução de Rafael Gonçalo Gomes Felipe. Lisboa: Editora Ulisseia, 1976.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na Geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LIII, n. 107, p. 159-168, 2018.

PAIVA, Daniel. Por uma geografia dos espaços vividos. Resenha. **Finisterra**, v. LVI n. 116, p. 247-249, 2021.

SEEMANN, Jörn. O fim das representações na Geografia Cultural. In: ROMANCINI, Sonia Regina; ROSSETTO, Onélia Carmem; NORA, Giseli Dalla (Org.). **Neer - as representações culturais no espaço**: perspectivas contemporâneas em geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. p. 31-50.

AUTOR, 2019.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17927

SIBRAN, Anne. **O primeiro sonho do mundo**. Tradução Adriana Lisboa. Belo Horizonte: Relicário, 2024.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Elucidando as teorias não representacionais. **Geotemas**, v. 13, p. 01-20, 2023.

SOUZA-JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes de. **Geopoéticas da terra nas entranhas do lugar**: travessias pela arte contemporânea. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

THRIFT, Nigel. Performance and Performativity: A Geography of Unknown Lands. In: DUNCAN, James S.; JOHNSON, Nuala C.; Schein, Richard H. (Ed.). **A companion to cultural geography**. Blackwell Publishing, 2004a. p. 121-136.

THRIFT, Nigel. Intensities of feeling: Towards a spatial politics of affect. **Geogr. Ann.**, 86 B (1), p. 57-78, 2004b.

VALVERDE, Rodrigo. **O jogo da amarelinha**: saltos para a institucionalização da geografia cultural no Brasil. São Paulo: FFLCH/USP, PROLAM/USP, 2024.

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Declaração de uso de Inteligência Artificial

Não houve utilização de ferramentas de Inteligência Artificial.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.